

TRIÂNGULO AMERICANO: O CANTOR ELTON JOHN NARRANDO A MORTE DE UM ESPANTALHO

Elton John da Silva Farias

eltonjohnlogan@yahoo.com.br

Universidade Federal de Campina Grande

Eu vi um espantalho enrolado em arame farpado. Abandonado pra morrer numa cerca alta de madeira (Elton John & Bernie Taupin).

No belo texto *Michel Foucault e a Mona Lisa ou como escrever a História com um sorriso nos lábios*, o historiador Durval Muniz nos faz lembrar o quão esquecido é aquele Michel Foucault que ri; seja por sua intelectualidade, seja por seus atos polêmicos. Por ser o riso uma expressão corpórea que foge à lógica ordenativa da razão, que burla os sistemas, que não busca um sentido em si (sendo derrisório em suas espontaneidades), sua simples execução, aos olhos de outrem, pode parecer fazer-se carregada de malícias e insinuações, desprezo e deboche. Mas também pode vir recheada por uma felicidade momentânea, por um gesto que não necessariamente pretende satirizar. O riso “nos permite sobreviver ao fato de que somos pensantes; se somos o único animal que ri, talvez seja porque somos o único que pensa e, se não existisse o riso, talvez o pensamento nos levasse ao suicídio”. Talvez por isso Foucault tenha caído na gargalhada quando ouviu falar de um câncer que “apenas atingiria” homossexuais (a AIDS): por saber que seria irônico demais essa premissa, se ela fosse “verdadeira”, e não tendesse a ser esta mais uma elaboração histórico-discursiva, carregada de valores morais e preconceitos “infundados”, ele debochou da notícia com um riso demorado.

Por isso, (e para não fazermos tanto uso de nosso poder enquanto intelectuais na busca incessante por *afirmações legítimas* e para não continuarmos a repetir essencialidades, coisas aparentemente óbvias – como se houvesse um “em si” dos acontecimentos), poderíamos olhar com mais atenção para nossa produção historiográfica. Ao defender uma “história irônica”, Muniz supõe que não sejamos tão incisivos e tão certos de nós mesmos: tenhamos a cautela necessária para duvidarmos

das fontes, daquilo que se chama de *documento*, do que nos é apresentado. Isso não significa que devemos achar que certas fontes possam elucidar uma mentira, mas (ao olhar atentamente para o que está escrito) poderia ser mais envolvente pensar o discurso enquanto uma “máscara, como sorriso postiço que nos impele à decifração de seu segredo e já se diverte com o nosso fracasso anunciado e antecipado”.

Assim, longe de sermos construtores (e constituintes) de um grande império, como diria Certeau, e antecipadamente cientes de não encontrarmos uma versão definitiva para nada, defende Muniz que tudo o que podemos fazer é “escrever a história com um sorriso nos lábios”. Com empenho, vontade, com maior gosto. Uma escrita que delicie, cante e encante, que emane sentimentos variados, que não trate a História como uma lápide fria e “morta”, como um arquivo empoeirado e jogado às traças, mas que seja recheada de emoções e prazeres, (des)gostos e surpresas. Como se interessar por algo que parece, à primeira impressão, uma coisa que “não mais” nos atinge, que não atrai, nem seduz? Se nos apaixonamos por algo ou por alguém é porque sentimos desejos (carnais), necessidades fluidas e gozo (intelectual). Como o faremos ou

como poderemos tornar a História um saber sedutor se ela não tem corpo, se seus personagens estão mortos e parecem mesmo com defuntos conservados em formol? Como pode seduzir os vivos algo que não tem vida, que se faz por fórmulas conceituais? (...) Como podemos atrair os leitores da História para personagens que não têm sexo, não desejam, não brincam, não jogam?

Se tanto imos e vimos, alegamos e entristecemos, sonhamos e (des)cremos, não seria lógico que a História se fizesse valer destas práticas? As narrativas envolvem o leitor quando o instigam a desvendar coisas inexploradas, chocantes e sensuais; a poética da narrativa pressupõe que sua força tenha a capacidade de cativar, emocionar por vezes; suas lições (*estratégicas*) servem de suporte para que se pense o saber histórico como legítimo, sem, no entanto, mantê-lo encarcerado nos princípios não-profusos da “prova” científica, da segurança impenetrável das Luzes.

Assim sendo, nem tudo é felicidade. A História também se faz pela tristeza (ou por seu irmão gêmeo, o *sofrimento*). Não o sofrimento atrelado ao sentido fugaz da vítima oprimida ou *standartizada* como queriam (e talvez ainda queiram) os marxistas, mas aquele tipo de sofrer que se faz pela amargura e desilusão, pela indignação de espírito. Este sofrer faz parte de nossas (con)tradições e, às vezes, permite que a possibilidade de nos sentirmos mais humanos aflore; procura nos deixar menos ardilosos e não tão convictos (leia-se arrogantes) de nós mesmos. Ela nos faz refletir, pensar no outro. Nossos equívocos vêm à tona, martelam em nossas lembranças, mostram-nos o quão

ridículos podemos ser. Substituída pela presença, a tristeza pode se transformar e romper com a “indiferença que pode existir entre os homens”, permitindo “quebrar a parede que separa cada qual dele mesmo. Estabelecendo vínculos externos, ela permite restabelecer vínculos internos. O que implica a necessidade de rever nossa maneira de considerar as coisas”.

Acompanhando-nos até quando estamos envoltos por muitas pessoas, a tristeza nos lembra que nada se mantém com muita firmeza durante longos períodos. Mesmo convertido em presença, alheio ao sentimento singular, o sofrimento acaba por se tornar uma invenção momentânea, um fazer-se presente frente a situações socialmente estabelecidas. Jogo de nuance por vezes duvidosa, a tristeza nos lembra que podemos erguer a cabeça e lembrar de momentos belos deixados ao relento...

E com um sorriso (a)bordamos uma tragédia. Não um sorriso cínico, sem sentimento ou desprovido de sensibilidade. “A dor faz parte da sensibilidade”, já considerava Vergely, e a dor causada pelo remorso de sabermos que algo triste aconteceu e que não podemos fazer nada para revertê-lo e nos vemos aliviados (com senso de justiça) quanto a isso. Nada podemos fazer além de sorrir, inflar os ânimos e ir adiante com nossa escrita – e isso nos parece muito incomodante.

Pois bem. Há uma história muito triste a ser contada. Uma história que poucos conhecem apesar de esta não ser, de forma nenhuma, longínqua. Nem no tempo, nem no espaço. Aconteceu nos Estados Unidos da América, onde teve grande repercussão, mas por motivos duvidosos (ou nítidos?) não chegou a ser divulgada como deveria em outros países do mundo. Seria por algum tipo de cuidado com a e/ou pela preservação da imagem do Estado norte-americano, tão “nobre e democrático”? Talvez. O fato é que um jovem (que todos ao seu redor diziam ser simpático, gentil e inteligente) foi brutalmente assassinado por dois “generosos” rapazes que pareceram querer ofertá-lo a “dignidade”.

Uma Noite Gélida: um jovem morre como um espantalho

Era noite. O jovem estudante Matthew Shepard, universitário de Wyoming, pesquisador na área de ciências políticas, membro da Igreja Episcopal de São Marcos (*St. Mark's Episcopal Church*) e representante do Conselho Ambiental de Wyoming (*Wyoming Environmental Council*), se dirigiu a um bar convencional na cidade de Fort Collins, localizada no estado norte-americano do Colorado. Gélidos ventos percorriam aquele local. Estava muito frio mesmo. Naquele tipo de clima que incita você a não sair de casa e a permanecer coberto com bons lençóis em uma cama aconchegante. Entretanto, e

mesmo assim, foi da decisão de Shepard sair de seu apartamento. Não se sabe bem o motivo, mas acredito que ele queria desopilar um pouco, sair da rotina de estudos e trabalho, ter um pouco de prazer sexual talvez. Encontrar pessoas que fizessem seu tipo ou mesmo apenas dar uma volta na cidade e lidar com seus próprios fantasmas, exorcizando-os. Respirar ar puro, voltar para casa e reiniciar a rotina do dia-a-dia.

Mas eis que dois outros jovens, Russel Henderson e Aaron McKinney, tiveram algumas idéias muito horrendas naquele dia. Não souberam compreender o desconhecido, não se importaram em lembrar que “fazer o mal faz mal”, não tiveram nenhuma compaixão. Matthew Shepard era abertamente homossexual e, impulsionado por sua solidão sentimental, parece ter sido seduzido pelos outros dois que se fizeram passar por homossexuais e induziram Matt (como era conhecido) a saírem para um encontro mais “reservado”.

Depois de alguma conversa (perdida no limiar do tempo), Henderson e McKinney convidaram a vítima para passear no caminhão da dupla, dar uma volta pela cidade, beberem um pouco mais e depois encontrarem um local apropriado para “uma noite de prazer”. Talvez desconfiado, talvez animado, Shepard aceitou e ainda teria sugerido a eles que fossem para seu apartamento, mas os assassinos deram a desculpa de que eles não achavam a idéia confortável e que teriam um lugar mais “tranquilo e belo” onde passar a noite.

Outrossim, o crime começou a ser executado pouco depois da meia-noite de 7 de Outubro de 1998. A madrugada adentrava com os termômetros marcando valores muito próximos de zero grau Celsius. Naquelas primeiras horas de uma quarta-feira, Shepard foi conduzido para uma zona rural e remota de Laramie, próxima a Fort Collins. Ao chegarem ao local, os dois assassinos, que pareciam já ter planejado a ação, roubaram tudo o que Shepard tinha, deram-lhe várias coronhadas (mas ao que parece não atiraram), torturaram-lhe e amarraram-lhe com uma corda e um pouco de arame a uma cerca de madeira, abandonando-o para morrer. Usaram uma arma, mas não atiraram, preferindo fazer uso da coronha do revólver para machucar; pegaram todos os seus pertences e, mesmo assim, ainda o espancaram; mesmo com os pedidos de piedade da vítima, ambos aplicaram consecutivos golpes contra sua cabeça e o amarraram de forma semelhante a como se crucifixava um réu na Roma Antiga. Assim, podemos interpretar o ato não como uma execução sumária (tal como um acerto de contas), mas como um *crime de ódio*, movido por sentimentos que jamais poderão obter um sentido humano. Devem ter cometido o ato por “prazer” de ver o outro sofrer: e a desculpa era um sentimento *anti-gay*.

Ao que consta, 18 (dezoito) horas depois, um ciclista despreocupado ia passando pelo local e viu um “objeto” amarrado a uma cerca. De início, ele ficou sem saber bem do que se tratava; logo depois, ao chegar um pouco mais perto, pensou que iria ao encontro de um espantalho (como aqueles de filmes de terror que servem para espantar os corvos das plantações de milho); ao se aproximar da vítima, o ciclista viu que se tratava de uma pessoa amarrada forçadamente e tratou de tentar pedir ajuda: Shepard ainda estava vivo, só que com grave hipotermia e em estado de coma.

Mero detalhe: considerando-se que estamos tratando de uma área rural, de difícil acesso e quase sem trânsito, em uma cidade de pouco mais de cento e vinte mil habitantes, é bem provável que o socorro tenha demorado bastante. Se as condições de vida de Shepard eram tenuemente críticas, imaginem vocês como deve ter sido passar tanto tempo esquecido e esperando por um anjo montado em duas rodas que pudesse trazer algum socorro.

Levado a um hospital, respirando com ajuda de aparelhos, com traumatismo craniano. Suas fraturas afetaram drasticamente algumas de suas principais funções corpóreas como o batimento cardíaco e o controle de sua própria temperatura. Havia cerca de 12 (doze) lacerações ao redor de sua face, da cabeça e do pescoço. Essa região do corpo estava tão afetada que não permitiu que os médicos pudessem operá-lo. Fazer isso era condená-lo mais rápido à morte. A figura dos médicos, tão próxima da razão e da solução para o sofrimento, estava impotente com as conseqüências daquele ato. Apenas restava torcer para que, como em um milagre, ele pudesse acordar. Só que o jovem nunca mais recuperaria a consciência e devido, principalmente, a uma fratura entre a nuca e a orelha direita, o rapaz morreria lá mesmo no dia 12 de Outubro.

Repercussões (Tramas Históricas)

A morte de Shepard iria ocasionar pelo menos duas reações, contrárias entre si, na sociedade norte-americana: i) uma *favorável*: depois do assassinato, a justiça de Wyoming, assim como o senado federal, iria atentar para a criação de um parágrafo de lei que reunisse abusos contra homossexuais como um dos tipos de "crime de ódio" no país. Além de agressões e insultos a negros, mulheres, deficientes e demais minorias serem considerados crimes, os abusos cometidos contra homossexuais iriam estar reunidos na mesma lógica judicial. Porém, como o acontecimento se deu no final do governo de Bill Clinton, por motivos burocráticos, a proposta não pôde ser votada e passou para a responsabilidade da administração de George W. Bush.

Mesmo com essa atenção, Henderson e McKinney (condenados à prisão perpétua) não foram culpados de “Crime de Ódio”. Bill Clinton parece ter feito alguma coisa para que os crimes contra homossexuais fossem considerados nessa categoria, mas, em 1999, a Câmara dos Deputados deu o primeiro não ao projeto; no ano seguinte, o Congresso norte-americano voltou a colocar o assunto em audiência, mas a medida não foi tomada devido ao Comitê de Conferência (*Conference Committee*) do Senado, contrário à liberação.

Em 2007, a *Lei Matthew Shepard* foi proposta. A Câmara dos Deputados e o Senado do país aprovaram-na. O presidente Bush, conservador, deu declarações de que, se a proposta de Lei chegasse à sua mesa ele iria vetá-la (e assim foi); os homossexuais ainda não tiveram essa Lei oficializada a nível federal nos Estados Unidos. Entretanto, como cada estado do país tem suas leis próprias, pelo menos em Wyoming se esperava que isso ocorresse, mas nada parece ter sido modificado.

Nota: é irônico saber que a política (e seus poderes), tema que Shepard tanto se dedicou a estudar em vida, pouco fez para reverter e/ou impedir os crimes de ódio contra homossexuais.

ii) uma *adversa*: a *Igreja Batista de Westboro*, na cidade do Kansas, começou a ganhar visibilidade por suas ações “radicais”. Às portas da *Corte Suprema de Wyoming*, e após o julgamento não favorável aos assassinos, justificando seu sentimento *anti-gay*, esta Igreja começou a publicar cartazes com dizeres do tipo "Matt Shepard rots in Hell" (Matt Shepard apodrece no Inferno), "AIDS Kills Fags Dead" (A AIDS leva Homossexuais à Morte) e "God Hates Fags" (Deus Odeia Homossexuais). Nas cidades de Cheyenne e Casper (cidade onde Shepard nasceu), o líder do grupo religioso, Fred Phelps, obteve uma autorização provisória do governo de Wyoming para que uma placa de bronze fosse construída e publicada com uma imagem do jovem e os seguintes dizeres: "Mathew Shepard, Entered Hell October 12, 1998, in Defiance of God's Warning: 'Thou shalt not lie with mankind as with womankind; it is abomination'" ("Mathew Shepard foi para o Inferno em 12 de Outubro de 1998 por desafiar o aviso de Deus: 'Tu não deves negar tua masculinidade ou tua feminilidade; isso é uma abominação'"). Com a alegação de “liberdade religiosa”, Phelps conseguiu provisoriamente a permissão da feitura da placa; atualmente, porém, uma liminar dos Casper’s Ten Commandments (Dez Mandamentos de Casper) exigiu que a placa fosse retirada da exposição pública.

Uma série de artistas e compositores se viu comovida com o assassinato de Shepard. Dentre eles estava a dupla Elton John (cantor/compositor) e Bernie Taupin (letrista). Em 2001, com o lançamento do álbum *Songs From The West Coast*, ambos

prestariam sua homenagem ao rapaz com uma canção chamada *American Triangle*, que se propôs a narrar a história do assassinato de Shepard, a partir da ótica do ciclista que o viu amarrado à cerca de madeira, e critica severamente as reações adversas da vasta parcela conservadora da sociedade norte-americana:

Seen him playing in his backyard (Vê-lo brincando nos fundos de sua casa)
Young boy just starting out (Um jovem garoto começando a vida)
So much history in this landscape (Tanta história nesta paisagem)
So much confusion, so much doubt (Tanta confusão, tanta dúvida)

Been there drinking on that front porch (Estive lá bebendo na varanda da entrada)
Angry kids, mean and dumb (Crianças raivosas, desprezíveis e estúpidas)
Looks like a painting, that blue skyline (Parece uma pintura, aquele horizonte azul)
“God hates fags” where we come from (“Deus odeia homossexuais” lá de onde viemos)

‘Western skies’ don’t make it right (‘Os céus do oeste’ não tornam isto certo)
‘Home of the brave’ don’t make no sense (‘O Lar dos corajosos’ não faz sentido)
I’ve seen a scarecrow wrapped in wire (Eu vi um espantalho enrolado em arame farpado)
Left to die on a high ridge fence (Abandonado pra morrer numa cerca alta de madeira)
It’s a cold, cold wind (É um vento frio, gelado)
It’s a cold, cold wind (É um vento frio, gelado)
It’s a cold wind blowing, Wyoming (Tem um vento frio soprando, Wyoming)

See two coyotes run down a deer (Vi dois coiotes abaterem um veado)
Hate what we don’t understand (Odiamos aquilo que não compreendemos)
You pioneers give us your children (Vocês pioneiros, dêem-nos suas crianças)
But it’s your blood that stains their hands (Mas é o seu sangue que mancha as mãos deles)

Somewhere that road forks up ahead (Em algum lugar aquela estrada se bifurca lá na frente)
To ignorance and innocence (Para a ignorância e para a inocência)
Three lives drift on different winds (Três vidas à deriva em ventos diferentes)
Two lives ruined, one life spent (Duas vidas arruinadas, uma vida perdida)

A melodia composta por Elton corresponde ao que Bernie sugeriu: grande tristeza e lamentação por vivermos em sociedades cristianizadas (e moralistas) que não permitem o convívio com a diferença. “Crianças” movidas por sentimentos de raiva, desprezo e estupidez. Insensíveis com o outro, com aquilo que “não compreendem”, os dois jovens Henderson e McKinney são considerados na canção como pessoas levadas pela ira da ignorância e da inocência: não exatamente culpados, mas cegos e insolentes, movidos por práticas “insensatas” que não mediram conseqüências. Apesar de frios e calculistas, ambos se fizeram valer da vigilância silenciosa das *repressões minúsculas*: mais cruel e intimista do que a disciplina e punição dos corpos, esta vigilância fere a alma (e o corpo) por atingir diretamente o subconsciente e fazer com que as pessoas se autovigiem, se autocastrem, temendo a reprovação do outro. E por ter se admitido abertamente enquanto

um homossexual, Shepard recebeu a condenação *minúscula* (por não ter sido feita por agentes do Estado) da morte.

Quanto à melodia da canção, lenta, sua performance parece entristecida e cansada de tantos acontecimentos incompreensíveis. Uma balada tocada em piano, violão acústico, baixo e bateria com fortes influências *country*. Outra ironia (como a *História irônica* apresentada por Durval Muniz), já que este é o “estilo característico” do “lar dos corajosos”, dos bravos vaqueiros e “ másculos” seres humanos que vivem de seu mundo heterossexualizado. O machismo, o preconceito religioso e a incompreensão social nos remetem ao triste resultado de “duas vidas arruinadas” (Henderson e McKinney por terem agora que passar o resto de suas vidas em uma prisão) e “uma perdida” (a de Shepard, que foi vítima de preconceitos “banais” que nos rondam durante séculos). O triângulo americano, assim, não pode ser amoroso, já que é um triângulo repleto de ódio e rancor.

(Cultura de) Crimes Hediondos

Diz o antropólogo brasileiro (e ativista dos direitos daqueles que se identificam com o grupo GLTB – Gays, Lésbicas, Transexuais e Bissexuais) que

os homossexuais são os mais odiados dentre todos os grupos minoritários porque o amor entre pessoas do mesmo sexo foi secularmente considerado crime hediondo, condenado como pecado abominável, escondido através de um verdadeiro complô do silêncio, o que redundou na internalização da homofobia por parte dos membros da sociedade global, a iniciar pela repressão dentro da própria família, no interior das igrejas e da academia, inclusive dentro dos partidos políticos, das próprias entidades voltadas para a defesa dos direitos humanos e do poder governamental.

Para além das generalizações causadas por Mott (em achar que os homossexuais são sempre vítimas), podemos retirar de seu trabalho a idéia de que há certa reprodução cultural de um estigma negativo em relação à imagem dessas pessoas. Para ele, na cultura Ocidental, “o amor entre pessoas do mesmo sexo foi considerado e tratado como crime dos mais graves, equiparado ao regicídio e à traição nacional” que, mesmo tendo deixado de ser crime hediondo, permaneceria em certo “imaginário” cultural (e moralista), justificando a idéia de que a prática homoerótica seria “suja, abominável e má”. Talvez movidos por esses ressentimentos históricos é que Henderson e McKinney tenham se voltado contra Shepard e “descontado” toda sua ira insana no corpo do rapaz.

Apesar de os Estados Unidos serem considerados um país “democrático”, símbolo do “pós-moderno”, as práticas que descriminam homossexuais são constantes e

repetidas. O “pecado cujo nome não se pode dizer” vive na perplexidade e na “espreita” da opressão social, religiosa e política. Para Mott, há um tipo de “complô do silêncio” que atinge o cotidiano e os meios de comunicação de massa:

Contemporaneamente a mídia, a academia, os jornais diários, perpetuam este diabólico complô do silêncio, censurando artigos que abordam o amor homossexual de forma positiva, sonogando informação sobre a orientação sexual de gays e lésbicas destacados, ou ridicularizando e divulgando preconceitos contra as minorias sexuais.

Talvez por essas razões é que o assassinato de Matthew Shepard tenha sido bem divulgado: mas apenas repercutido nos Estados Unidos. Em outros países, e no Brasil em específico, praticamente ninguém ouviu falar (ou sabe algo sobre) a morte do rapaz e suas repercussões no cotidiano dos norte-americanos. Talvez fosse importante ter esse acontecimento como um alerta para o grau de violência que um preconceito cultural pode acarretar. Não deveríamos negligenciar isso.

Uma Escrita Triste

Escrevemos, neste artigo, sobre um jovem homossexual morto pelo preconceito. Atentamos para a tristeza que desse ato pôde decorrer. Quando Matthew Shepard foi encontrado pelo ciclista na cerca de madeira, ele estava com praticamente todo o rosto manchado por sangue; a impiedade foi tamanha que sua cabeça foi o alvo maior da dupla de assassinos. Mas, talvez por ironia, uma pequena parte da face de Shepard não estava avermelhada: todo machucado, só não havia sangue nos rastros de lágrimas que desceram de Matt ao longo de sua execução...

Ao longo de nossa produção acadêmica vimos tentando mostrar como seria importante trabalhar a Música (obras e artistas) como um objeto relevante de pesquisa histórica. Esse trabalho quase sempre nos causou alegrias, trouxe deleite, satisfação; mas, ironicamente, nesta ocasião, utilizamos a música de Elton John apenas como uma fonte de pesquisa que enriquecesse o trabalho, como a maioria dos historiadores da área faz. O mais engraçado é que, quando tivemos de fazer isso, deparamo-nos com uma história bastante triste.

Assim, como diria Durval Muniz, devemos escrever a história “com um sorriso nos lábios” para não enlouquecermos, para amenizarmos as experiências ardilosas da vida. Concordamos. Plenamente. Mas digamos que, às vezes, também temos que escrevê-la com uma lágrima nos olhos...

